

# Cartas de chamada coletivas: reflexões sobre cultura escrita de imigrantes portugueses no Brasil

Collective invitation letters: reflections on the  
written culture of portuguese immigrants in Brazil

Ana Carolina da Silveira Leite 

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil

E-mail: carol.silveira.leite@gmail.com

## Resumo

A partir das perspectivas teórico-metodológicas da História Social da Cultura Escrita, este texto visa a analisar e discutir nove cartas de chamada, com assinaturas coletivas, escritas por imigrantes portugueses, homens e/ou mulheres, entre 1911 e 1926. Para tanto, pretende-se enfatizar a importância do diálogo entre áreas distintas e complementares das ciências humanas por meio do cruzamento de perspectivas: a mobilização de micro histórias, a Linguística, a História Cultural e a Paleografia, retirando, assim, sujeitos históricos do esquecimento, dando voz a seus escritos e possibilitando, então, outros modos de se compreender a história da penetração da língua portuguesa no Brasil, destacando aspectos que podem revisar ou confirmar questões consolidadas pelas grandes narrativas. Afinal, *o que se sabe sobre o Brasil e a escrita de imigrantes nesse período? Como eram essas cartas? Quem as escrevia e por quê? Para quem as escrevia? Quem assinava também escrevia?* As respostas a estas questões serão apresentadas e, assim como os caminhos para chegar até elas, discutidas, com o intuito de contribuir para a construção de uma História Social da Cultura Escrita no Brasil através da epistolografia.

## Palavras-chave

Cartas; Cartas de Chamada; História Social da Cultura Escrita; Imigrantes; Língua Portuguesa.

### Editores-chefes

Marcus Dores  
Célia Lopes

### Editores convidados

Huda Santiago  
Pedro Daniel Souza

### Dossiê

Diálogos entre a  
Sócio-História do  
Português e a História  
Social da Cultura Escrita

Recebido: 18/10/2022

Aceito: 29/08/2023

### Como citar:

LEITE, Ana Carolina da Silveira. Cartas de chamada coletivas: reflexões sobre cultura escrita de imigrantes portugueses no Brasil. Revista LaborHistórico, v.9, n.2, e55096, 2023. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v9n2.55096>

## Abstract

From the theoretical and methodological perspectives of the Social History of Written Culture, this text aims to analyze and discuss nine invitation letters, with collective signatures, written by Portuguese immigrants, men and/or women, between 1911 and 1926. By doing so, this work intends to emphasize the importance of the dialogue between distinct and complementary human sciences fields through the crossing of perspectives: Linguistics, Cultural History, Paleography and the mobilization of microhistories. Hence, it is possible to remove historical subjects from oblivion, to give voice to their writings and to enable other ways of understanding the history of the Portuguese language penetration in Brazil, highlighting aspects that may revise or confirm issues consolidated by the great narratives. After all, what is known about Brazil and immigrant writing in this period? What were these letters like? Who wrote them and why? To whom did they write? Who signed the letters also wrote them? The answers to these questions will be presented and, as well as the ways to get to them, discussed, aiming to contribute to the construction of a Social History of Written Culture in Brazil through epistolography.

## Keywords

Letters; Invitation Letters; Social History of Written Culture; Immigrants; Portuguese language.

## Introdução

Desde o início do século XXI, as comunidades científicas europeia e brasileira buscam explorar objetos simbólicos das correntes migratórias para o Brasil entre os séculos XIX e XX, tais como livros de registros de passaportes<sup>1</sup>, listas de bordo dos vapores<sup>2</sup> e correspondências<sup>3</sup>: fontes quantitativas e/ou qualitativas das quais se ocupam, principalmente, historiadores e antropólogos portugueses<sup>4</sup> e brasileiros<sup>5</sup>. O que se observa, contudo, é que

---

<sup>1</sup> Com destaque ao trabalho do Professor Dr Henrique Rodrigues, com sua obra *Emigração e Alfabetização: O Alto-Minho e a Miragem do Brasil*, de 1995, na qual livros de registro de solicitação de passaportes são investigados, enfatizando aspectos quantitativos como também qualitativos. Atualmente ele é professor da Escola Superior de Educação em Viana do Castelo (Portugal) e Investigador do CETRAD (Centro de Estudos Transdisciplinar para o Desenvolvimento).

<sup>2</sup> Cf. a tese de doutorado de Ilana Peliciari Rocha, do departamento de História da Universidade de São Paulo, em 2007, intitulada *Imigração Internacional em São Paulo: Retorno e Reemigração, 1890-1920*, na qual listas de bordo são analisadas em caráter quantitativo e qualitativo.

<sup>3</sup> Com distinção ao trabalho da Professora Dr<sup>a</sup> Maria Izilda Santos de Matos, que, dentre os diversos textos publicados, especialmente o *Deslocamentos e Escritos: cartas, correspondências e mensagens trocadas entre portugueses (São Paulo-Portugal, 1890-1950)*, traz uma análise, sob a perspectiva histórica, a respeito desses documentos.

<sup>4</sup> Cabe aqui devido destaque às pesquisas portuguesas de: Pereira (2002); Cruz (1987); Alves (1994).

<sup>5</sup> Dentre os brasileiros, ressaltamos: Freitas (2006); Matos (2013b); Pascal (2005).

são poucos os linguistas<sup>6</sup> que se debruçam sobre as cartas privadas desse contexto e, quando o fazem, suas pesquisas restringem-se às edições semidiplomáticas<sup>7</sup>, não se utilizando, portanto, dessas fontes primárias manuscritas como via de entrada para a História Social da Cultura Escrita (HSCE).

Para que possamos ter ampla compreensão das possibilidades de pesquisa e do trato das fontes a partir da HSCE, que é uma subespecialidade da História Cultural (HC), é imprescindível entender, além do contexto polifônico dos modos de se fazer, perceber e pensar a história por meio das novas faces da noção de cultura, de que modo os objetos de estudos passaram a ser organizados diante dessas transformações teórico-metodológicas a partir das aberturas da história e da confluência de outras áreas de conhecimento que seguiram, por muito tempo, trajetórias separadas. Assim, visando a uma reflexão didática sobre tais questões, organizaremos a discussão aqui em três partes: a emergência desse novo campo interdisciplinar, o curioso contexto de escrita de imigrantes portugueses e as compreensões e análises de cartas de chamada, enfatizando a importância da interdisciplinaridade, sobretudo no que tange à contribuição da Linguística para a História Social da Cultura Escrita e vice-versa. Outrossim, conforme veremos, em testemunhos autógrafos e manuscritos, como cartas privadas, a recorrência ou inexistência de fenômenos linguísticos peculiares a determinadas localidades podem nos ajudar a localizar a origem de seus escreventes, sobretudo em casos de envelopes ausentes, e, assim, ampliar pesquisas que costumam se valer, essencialmente, de estimativas demográficas, reafirmando ou revisando questões sobre perfis dos imigrantes. No caso das cartas de chamada, mais especificamente, refletiremos sobre a possibilidade de delegação da escrita, ou seja, se a autoria do texto e a mão que o escreveu são da mesma pessoa.

Diante disso, o que se espera com este texto é discutir questões, interpretações e perspectivas metodológicas de análises para, justamente, contribuir com os estudos de cultura escrita em contexto de mobilidade entre Portugal e Brasil, apresentando e possibilitando reflexões a partir de exaustivas e estendidas interpretações do código escrito, conforme proposto por Castillo Gómez (2003, p. 96), considerando as consequências sociais e culturais das cartas de chamada, que consistem, genericamente, em escritos ordinários de foro privado com objetivo de convidar outros a migrarem, dentro do contexto de imigração portuguesa ao Brasil entre 1911 e 1926 sob a ótica investigativa dialógica de língua e cultura.

---

<sup>6</sup> Cabe pontuar que este texto é fruto de contínuas reflexões oriundas de minha dissertação de mestrado, que tem como objetivo divulgar e refletir sobre cultura escrita em contexto de imigração europeia para o Brasil por meio de cento e onze cartas de chamada masculinas, femininas e coletivas. Todavia, a fim de exemplificar a estrutura e a metodologia de análise e compreensão dessas cartas, apenas as cartas coletivas serão retratadas e interpretadas aqui, com o intuito não só de partilhar discussões a partir de fontes primárias, como também de incentivar e contribuir com as pesquisas em HSCE por meio da epistolografia e seus desdobramentos ao longo da história do Brasil: Leite (2023).

<sup>7</sup> A edição desses documentos já consta na dissertação de mestrado da pesquisadora Siqueira (2010), defendida na USP, e, através dela, já estão divulgadas.

## História Social da Cultura Escrita: emergência e interdisciplinaridade

O século XX foi um período de grandes transformações metodológicas por parte de pesquisadores e historiadores, que lançaram novos olhares sobre seus possíveis objetos de investigação e suas concepções de manifestações culturais, uma vez que a historiografia, até o século XIX, havia se pautado, de forma positivista e excludente, em modelos políticos e econômicos de uma história única e linear das sociedades, que costumava priorizar produções literárias e/ou artísticas de determinados grupos sociais considerados muito letrados e integrantes de uma supremacia intelectual. Até então, a história das ideias pautava-se na história da difusão da escrita e na história do livro e da leitura, que seguiam trajetórias separadas. Além disso, a história da escrita estava ligada aos estudos da Paleografia enquanto método para distinção de tipologias gráficas e a história da leitura restringia-se ao livro enquanto fonte de pesquisa para captar quem lia em uma sociedade em determinado período.

A chamada Nova História, que tem origem francesa, surgiu, justamente, dos espaços lacunares deixados pela busca oitocentista de tratar a história como mera sequência de eventos, buscando superar tal visão de defender e evidenciar fatos, narrativas e registros de “grandes personalidades”. Essa nova perspectiva historiográfica em questão emergiu da “Escola dos Anais”, originalmente conhecida como *École des Annales*, e da “Revista Anais”, em francês *Annales: économies, sociétés, civilisations*<sup>8</sup>, fundada em 1929. Tal movimento de pesquisa e de divulgação científica objetivava o labor historiográfico sob vieses interdisciplinares e inovadores que rompiam com a grande tradição da escrita da história, instaurando, assim, uma crise nos paradigmas tradicionais, inclusive no que tange ao conceito de cultura, que passou a ser discutido e desenvolvido pelos Estudos Culturais, com destaque para os trabalhos do pesquisador francês Roger Chartier.

Podemos afirmar, nesse sentido, que a Escola dos Anais e a Revista Anais, dentre as suas diretrizes, passaram a se debruçar sobre micro narrativas com abordagens que envolvem as mais diversas atividades humanas, assim como diferentes disciplinas como a Economia, a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia, a Linguística e a Antropologia Social. Essas novas possibilidades de pesquisa conferiram à historiografia espaço para ampliar a seleção de seus objetos, considerando como fonte histórica não mais apenas os documentos oficiais produzidos e conservados pelas burocracias estatais, mas também as produções cotidianas, materiais e imateriais de dentro e de fora da cultura escrita. Nesse sentido, a Nova História desvelou a função social da História de se aproximar de como as sociedades viveram através da interpretação das mais diversas fontes, dando voz àqueles indivíduos que não ocuparam espaços de alto prestígio social e, apesar disso, e, justamente por isso, são também, essencialmente, agentes ativos na história e na cultura.

---

<sup>8</sup> A revista foi originalmente chamada *Annales d'histoire économique et sociale* (Burke, 1991, p. 33).

Quando se trata de cultura a partir dos *Estudos Culturais*, portanto, nota-se um entendimento muito mais abrangente sobre essas questões, uma vez que

[...] ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isso seja preciso ser um artista, um intelectual, um artesão. A própria linguagem, e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social embasam esta noção mais ampla de cultura. “Comunicar” é produzir cultura, e de saída isto já implica na duplicidade reconhecida entre cultura oral e cultura escrita (Barros, 2005, p. 127).

Essa proposta de se compreender a cultura como atividade vinculada à comunicação nos projeta pertinentes considerações sobre o que são objetos da cultura, e, como analisaremos mais adiante, o que são objetos da cultura escrita, matizando a ideia de que possam existir indivíduos “sem cultura”, já que o caráter social, que aproxima a História Cultural da Antropologia Moderna, considera que pessoas comuns e anônimas, incluindo indivíduos desafortunados em contexto de migração transatlântica, são também protagonistas históricos por meio de suas respectivas culturas e práticas culturais comunicativas. Desse modo, o que seria uma história vista ‘de cima’, que priorizava registros e documentações oficiais, grandes eventos e personalidades, desdobrou-se em histórias que podem ser vistas em diferentes perspectivas: histórias-problema, micronarrativas que, sob uma ótica interdisciplinar, e se conjugadas numa história de larga duração, possibilitam mapeamentos demográficos, econômicos, políticos, literários, linguísticos e sociais muito mais abrangentes. Para tanto, Burke (1992, p. 25) afirma que cabe ao historiador da Nova História articular e interpretar diferentes objetos de pesquisa, fazendo deduções e inferências, ainda que sejam a partir de um número reduzido de fontes – neste texto, por exemplo, analisaremos um diminuto conjunto de cartas pessoais/privadas manuscritas de imigrantes portugueses que estavam no Brasil e que supostamente escreviam para chamar/convidar outros portugueses para que se juntassem a eles em terras brasileiras – cuidando para não estabelecer visões teleológicas ou generalizações.

Ainda na segunda metade do século XX, antes de o campo da História Social da Cultura Escrita ser instaurado, a Paleografia, reconhecida historicamente como o estudo dos manuscritos, passou a ser revitalizada, ganhando novos rumos científicos. Vale ressaltar que foi no final do século XVII que a Paleografia se estabeleceu como conhecimento científico, como uma categoria de disciplina cultural e técnica associada à Diplomática. A mais recente definição sobre Paleografia, discutida por Castillo Gómez e Sáez (1994)<sup>9</sup>, vem do pesquisador

---

<sup>9</sup> De acordo com Sáez e Castillo Gómez (1994), a nomenclatura foi utilizada pela primeira vez pelo monge beneditino Bernard de Montfauconem, em sua obra *Paleographia graeca sive de ortu et processu litterarum graecarum*, publicada originalmente em 1708. Em contrapartida, é bastante comum se considerar que o primeiro tratado sobre tal questão ou a primeira exposição doutrinária com abordagem científica sobre o assunto seja a publicação de *De re diplomatica libri sex* (1681), obra de Jean Mabillon, o monge beneditino que se opôs ao jesuíta Daniel von Papenbroeck quanto à autenticidade de alguns documentos merovíngios preservados na abadia parisiense de Saint Denis.

Armando Petrucci e versa sobre os estudos paleográficos centrarem-se na escrita em suas diferentes fases, atentando às técnicas usadas para se escrever em momentos diferentes da história, bem como seus processos de produção e os próprios produtos escritos, sejam de natureza oficial ou privada, focalizando, sobretudo, seus aspectos gráficos.

Percebemos, assim, que as mudanças que começam a ocorrer no modo de se tratar as fontes escritas, a partir do século XX, permitiram que os textos escritos deixassem de ser considerados, então, como meros instrumentos de comunicação e passassem a ser vistos como campo aberto às práticas sociais. De acordo com Castillo Gómez (2003), essas práticas estão inseridas em um determinado tempo e um determinado lugar e estão vinculadas, desde o seu processo de produção até a sua recepção, às maneiras de viver de determinados indivíduos e grupos. A partir disso, surge, então, a chamada Nova Paleografia, que se ocupa das consequências sociais e culturais da difusão das práticas de escrita sob um viés interdisciplinar, ocupando-se das

[...] relações que se estabelecem, em diversas situações históricas, entre os sistemas de escrita, as formas gráficas e os processos de produção dos testemunhos escritos, por um lado, e as estruturas socioeconômicas das sociedades que elaboram, utilizam e manipulam esses produtos culturais, por outro (Castillo Gómez, 2003, p. 100).

Desse modo, os novos estudos paleográficos passaram, então, a buscar entender quais são as motivações sociais para a produção de textos escritos, atentando-se aos impactos das mais diversas formas de implementação da escrita nas sociedades.

Ainda nesse interim, em pleno século XX, vivenciamos uma revolução metodológica na Paleografia, antes limitada basicamente a responder ‘o que’, ‘como’, ‘onde’ e ‘quando’ se escreveu algo. Para além dessas questões metodológicas, que definem a Paleografia de Leitura e a Paleografia de Análise, a escrita passou a ser considerada a partir de duas novas questões: ‘quem’ escreveu e ‘por que’ se fez uso da escrita, evidenciando os sujeitos e as motivações das diferentes culturas do escrito, de acordo com Gómez e Saez (1994). Tal interseção dessas duas novas questões permitiu a sistematização do campo de pesquisa, assim como a difusão renovadora social da escrita de paleógrafos baseados nos estudos do italiano Armando Petrucci, que buscou, desde então, investigar:

O quê? O que é o texto escrito, o que é necessário para transferir o código gráfico habitual para nós, pela dupla operação de leitura e transcrição. Quando? Momento em que o próprio texto foi escrito no testemunho que estamos estudando. Onde? Área ou o local onde o trabalho de transcrição foi realizado. Como? Quais técnicas, que instrumentos, que materiais, dependendo de quais modelos o texto foi escrito. Quem fez? A que ambiente sociocultural pertencia o executor do texto e qual era, em seu tempo e ambiente a difusão social da escrita. Por que este texto foi escrito? Qual foi o propósito específico deste

testemunho em particular e, também, qual poderia ser, em sua época e em seu lugar de produção a finalidade ideológica e social de escrever (Petrucci, 2003, p. 7-8, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Ao lidar com essas questões metodológicas, embora dialogue com a Codicologia, que estuda a estrutura física dos objetos escritos, e com a Paleografia Tradicional, que é a ciência da escrita, a Nova Paleografia vai além da descrição de documentos e da identificação de tipologias gráficas, pois busca interpretar a cotidianidade das práticas sociais do ler e do escrever, sem exclusão dos indivíduos de grupos sociais subalternos ou subalternizados, alfabetizados e/ou analfabetos, concentrando atenção sobre o valor cotidiano da escritura.

Sendo assim, a Nova Paleografia, esta Paleografia alargada, que é a própria História Social da Cultura Escrita, tornou-se um campo de pesquisa abrangente, interdisciplinar e com questões metodológicas amplas e convergentes, podendo ser definida, portanto, como “uma forma de história cultural voltada especificamente para objetos escritos e testemunhos, de qualquer tipo, que digam respeito aos seus diferentes usos e suas diversas funções” (Castillo Gómez, 2003, p. 107-108, tradução nossa)<sup>11</sup> e seus objetivos estão na análise e na interpretação dos lugares ocupados pelos escritos em determinados períodos e sociedades, considerando que esses lugares não são os mesmos para todos a partir de seus discursos, práticas e representações.

Partindo desses três princípios, que, juntos, compõem uma relevante estratégia para se estabelecerem direções sobre tudo o que já tenha sido e tudo o que venha a ser feito dentro do campo da HSCE, é preciso se atentar às possibilidades e aos tratos das fontes. De acordo com Castillo Gómez (2003), as fontes para o discurso podem ser todos e quaisquer textos oriundos de instâncias de poder, tais como igrejas, bibliotecas e escolas, academias universitárias, por exemplo. Por sua vez, as fontes das práticas culturais possuem natureza mais ampla, já que abarcam não somente textos “oficiais”, como também os textos privados, focando, sobretudo no valor cotidiano da escrita por meio de objetos que costumavam passar despercebidos, tais como diários pessoais, cartões postais e as próprias cartas pessoais/privadas em contexto de imigração, conhecidas como cartas de chamada. Ademais, as fontes

---

<sup>10</sup> Cf. o trecho original: Qué? En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción. Cuándo? Época en que el texto en sí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando. Dónde? Zona o lugar en que se llevó a cabo la obra de transcripción. Cómo? Con qué técnicas, con qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto. Quién lo realizó? A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era en su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura. Para qué fue escrito ese texto? Cuál era la finalidad específica de ese testimonio en particular y, además, cuál podía ser en su época y en su lugar de producción la finalidad ideológica y social de escribir. (Petrucci, 2003, p. 7-8)

<sup>11</sup> Cf. o trecho original: [...] una forma de historia cultural centrada específicamente en los objetos escritos y en los testimonios, de cualquier índole, que conciernen a sus distintos usos y a sus varias funciones [...]” (Castillo Gómez, 2003, p. 107-108).

de representações são construídas a partir das imagens que cada sociedade constrói sobre determinados temas e objetos escritos por meio de seus discursos e práticas.

Ainda em consonância com as ideias de Castillo Gómez (2003), é válido pontuar que as etapas de aquisição, produção, recepção e conservação do texto escrito são essenciais para definir de que modo o historiador da cultura escrita estudará essas fontes, cabendo, inclusive, aos pesquisadores da HSCE, analisar de forma crítica o que faz com que determinados testemunhos escritos sejam conservados e outros não, ou seja, quais são as possibilidades de os textos escritos ultrapassarem o momento de produção e circulação. Logo, fica evidente que os objetivos, os temas e as fontes da HSCE são interdependentes de outras disciplinas, como a Análise do Discurso, a Estética da Recepção e a Arquivologia. Sendo assim, é essencial conhecer e questionar as instituições memorizadoras – bibliotecas, museus, arquivos, igrejas etc. –, buscando compreender quais são as políticas de memória que influenciam na seleção desses objetos para serem preservados como patrimônio ou destruídos como práticas culturais “dispensáveis” à historiografia.

Nesse caso, as cartas de chamada são documentos que surgiram através das exigências burocráticas estatais que visavam a transformar os fluxos migratórios para o Brasil num processo menos desorganizado e desenfreado<sup>12</sup>. Essas cartas privadas, que eram endereçadas por amigos ou familiares com os quais se juntaria quem fosse e/ou imigrar, eram incluídas na documentação de pedido de passaporte/visto em Portugal e deveriam ser registradas em cartórios, reconhecendo assim sua legitimidade através de assinaturas e testemunhas. Por essas razões, as cartas de chamada mesclavam aspectos íntimos e, ao mesmo tempo, de interesse do Estado. Tais missivas, que serão analisadas e discutidas aqui, estão preservadas pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP) no Brasil, como também disponíveis através do acervo digital do *site* do Museu da Imigração (MI) do Estado de São Paulo. A seguir, traçaremos um panorama histórico de produção desses documentos tão peculiares ao contexto migratório entre os séculos XIX e XX, considerando suas funcionalidades sociais e representações culturais.

## Imigração Portuguesa, Rede de Escrita e Cartas de Chamada

Migrar é um verbo que pode expressar liberdade de movimento, mas que, entre Portugal e Brasil, nos séculos XIX e XX, significava, efetivamente, um produto da escassez, já que foi o novo arranjo industrial europeu, com grande concentração populacional nas cidades, que produziu uma população excedente, aquela que veio procurar melhores condições de vida em outro país. Sendo assim, a contínua partida de portugueses ao Brasil, especificamente, pode

---

<sup>12</sup> Entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do XX, a imigração foi muito incentivada por parte do governo brasileiro, enquanto que, nos primeiros anos da Era Vargas, passou então a ser restrita e, por isso, as cartas constituíram importante estratégia para contornar a suspensão de emissão de vistos a portugueses.



ser caracterizada como um “resultado histórico de um encontro entre o sonho individual e uma atitude coletiva” (Pereira, 2002, p. 9), constituindo um processo complexo que vai além das questões estritamente econômicas, políticas, étnico-raciais, culturais, religiosas, geográficas, geracionais e de gênero. Fatores como o domínio da língua do país, promessas de fortunas, vínculos familiares e/ou locais foram ponderados por quem decidiu partir.

No que tange às motivações mais consolidadas para vinda de portugueses ao Brasil, destacamos a extinção oficial do tráfico de africanos escravizados, em 1850, e a abolição da escravatura, em 1888, eventos responsáveis pelo déficit de mão de obra que precisava ser substituída, sobretudo nas grandes plantações cafeeiras que se expandiram pelo Sudeste e pelo Sul das terras brasileiras. Na passagem para o século XX, a coexistência do trabalho escravo (já ilegal) e do trabalho livre gerou uma progressiva deterioração das relações do trabalho assalariado, fazendo com que muitos contratos fossem análogos a situações servis. Nesse interim, a condição de imigrante associava-se a de um estrangeiro, que passou a sofrer degradação do seu estatuto social no Brasil: deixando de pertencer ao estrato demasiadamente privilegiado de uma sociedade colonial para ser objeto de uma hostilidade oriunda de um passado de opressão, que demoraria a atenuar-se. Nesse contexto, inclusive, a política de branqueamento tentou, também, reverter o aspecto mais característico da demografia histórica brasileira: o fato de ser a sua população predominantemente afrodescendente.

Nas comemorações dos 500 anos do Brasil, o Instituto Brasileiro e Geografia e Estatística (IBGE) divulgou dados oficiais sobre o fluxo migratório entre 1884 e 1939, destacando que foram 1.204.394 o número de portugueses que adentraram ao Brasil nesse contexto<sup>13</sup>. Ainda que muitos tenham se dedicado às lavouras de café, a corrente portuguesa de migração destacou-se dentro das cidades, fixando-se nas atividades do comércio e da indústria. Com efeito, a imigração portuguesa desse período teve como característica a concentração nas áreas urbanas e, assim, em 1920, existiam aproximadamente 65 mil portugueses em São Paulo, cerca de 11% da população total do estado, e, no Rio de Janeiro, os números eram maiores, chegando a 172 mil portugueses, o equivalente a 15% da população total da cidade, que era capital federal na época.

Sendo assim, é válido enfatizar que as análises e pesquisas sobre tal contexto de mobilidades precisam ir além dos condicionamentos demográfico-econômico-sociais, bem como ultrapassar o paradigma mecanicista da miserabilidade, já que não se deve reduzir a e/ imigração a uma simples resposta às condições de pobreza ou simplesmente a um reflexo do crescimento demográfico, como o modelo malthusiano. Enfim, não basta que existam intempéries econômicas para que pessoas recorram aos deslocamentos internacionais – tais dificuldades precisam também estar vinculadas à percepção de que deslocar-se é uma alternativa aceitável, possível e, acima de tudo, viável através de uma estrutura politicamente sustentada por interesses mais amplos e de uma sequência de eventos históricos, conforme

---

<sup>13</sup> Disponível na Biblioteca Virtual do IBGE: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6478.pdf>

discutido na obra de Baganha (2009) e Corti (2007). Foram muitos os mecanismos legais e estruturais que viabilizaram esses fluxos e precisam ser considerados ao se investigar tais processos: as construções de redes de agenciadores, aliciadores, aparatos de propagandas internacionais, meios de comunicação, o sistema de navegação comercial, as burocracias e redes de escrita. Assim, como alternativas adotadas por grupos de sujeitos históricos, os deslocamentos de além-mar de portugueses passaram a se caracterizar como eventos individuais e/ou familiares, por meio de migração mais incentivada/financiada – tanto pelas autoridades portuguesas quanto brasileira – do que voluntária, envolvendo diferentes estratos sociais, estratégias e motivações, que se valeram de objetos escritos das mais diversas naturezas.

As autoridades portuguesas, que ora reprimiam e ora flexibilizavam as mobilidades<sup>14</sup>, tinham a família – unidade fundamental da organização do trabalho – como centro das preocupações, pois as partidas, além de provocarem o decréscimo demográfico, o envelhecimento da população e a falta de perspectivas matrimoniais, afetavam as remessas de recursos destinados a Portugal. De acordo com as pesquisas de Pascal (2005, p. 155), a emigração masculina continuamente ultrapassou a familiar, contudo houve relevante aumento de 41% da mobilidade de famílias entre 1891 e 1919, e 36% de 1910 a 1919, justamente o período que engloba algumas das cartas que serão discutidas neste texto. Quando se trata de e/imigração familiar, é lícito postular que nos referimos a um fenômeno que poderia incluir mulheres, pais e mães e até filhos, mas tal conceito está intrinsecamente ligado, num primeiro plano, a viagens transatlânticas femininas. O modelo familiar tradicional e patriarcal assentava sobre a mulher uma dependência jurídica, que envolvia a demanda de cartas de chamada e se contrastava com a crescente “independência” e “responsabilização” econômica e social impostas a elas em detrimento da distância geográfica para com seus noivos/maridos/pais.

Nesse referido contexto de imigração para o Brasil entre os séculos XIX e XX, apesar de toda sua ancestralidade, a escrita de cartas tornou-se um fenômeno de massa, pois era a única forma transatlântica de se comunicar e expressar o desejo de minimizar tudo o que a distância era capaz de romper. Quanto à estrutura dessas missivas do século XIX e século XX, segundo Croci (2008), pesquisador de Gênova sobre epistolografia italiana, as cartas pessoais preservaram a maioria das características estruturais das cartas dos séculos XVI, XVII e XVIII, como o uso de *salutatio* (saudação), *narrativo* (narração), *captatio benevolentiae* (captação da benevolência), *petitio* (petição) e *conclusio* (conclusão), com desdobramentos e algumas variações.

As cartas de chamada surgiram através das exigências burocráticas estatais que visavam a transformar os fluxos migratórios para o Brasil num processo menos desorganizado

---

<sup>14</sup> Para a economia de Portugal, manter esposa e filhos em suas terras correspondia a maiores possibilidades de retorno do patriarca. Além disso, ainda que o e/imigrante português não constituísse, majoritariamente, uma massa que integrasse a elite privilegiada brasileira, a e/imigração ainda era vista como um projeto idealizado de ascensão socioeconômica alimentada pelo ‘mito da fortuna’, que criava expectativas portuguesas através do ‘mito do retorno’.

e desenfreado. Essas correspondências, que eram endereçadas por amigos ou familiares com os quais se juntaria quem fosse e/imigrar, eram incluídas à documentação de pedido de passaporte/visto e deveriam ser registradas em cartórios, reconhecendo-se, assim, sua legitimidade através de assinaturas e testemunhas. Por essas razões, as cartas de chamada se constituem como fontes primárias de escrita muito evocativas e curiosas, que mesclam aspectos íntimos e burocráticos. Quanto à classificação, para o historiador italiano Federico Croci (2008), as cartas de chamada podem ser separadas em dois grandes grupos: i) cartas privadas, majoritariamente manuscritas e ii) cartas oficiais, geralmente impressas ou datiloscritas, que mais pareciam formulários que deviam ser preenchidos com as informações do(a) e/imigrante. Já para os historiadores brasileiros Oswaldo Truzzi e Maria Izilda Matos (2015), é possível identificar diferentes tipos de epístolas trocadas por e/imigrantes (homens e mulheres) portugueses nesse período: cartas rituais (através das quais se comunicavam mortes, nascimentos, casamentos, batizados...); cartas informativas (em que se transmitiam notícias mais cotidianas que não fossem rituais); cartas sentimentais (de aspecto mais íntimo, de amor, de saudade...); cartas literárias (textos com interesse estético e para leitura pública); cartas de negócios (com informativos referentes a empregos e/ou dinheiro) e as cartas de chamada (que chamavam amigos, parentes e conhecidos para também e/imigrarem).

No que diz respeito à composição textual dessas cartas de chamada, de acordo com a professora e pesquisadora brasileira Maria Izilda Matos (2012), consolidou-se, entre os séculos XIX e XX uma estrutura interna com elementos básicos e recorrentes como a invocação, a abertura (com saudação), o conteúdo e a assinatura, e elementos transitórios como o clássico *post-scriptum* e/ou algumas anotações marginais (que são raras). A origem dessas estruturas baseia-se nas tradições epistolares que chegaram à Idade Moderna com poucas alterações. O que se observa, então, é que os tipos de cartas trocadas por imigrantes, para os autores supracitados, são classificados a partir de seus conteúdos predominantes, uma vez que não diferem estruturalmente uns dos outros. Seguiremos essa linha de classificação, mas com ressalvas, como trataremos mais adiante. Tais correspondências – tanto oficiais, quanto pessoais/privadas – deviam ser entregues, juntamente com outros documentos em vigência, aos funcionários da Inspetoria de Imigração pelos e/imigrantes que desembarcavam nos portos e, em seguida, depositadas com outros documentos na hospedaria.

A antiga Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo transformou-se no Museu da Imigração e é por isso que as cartas de chamada estiveram por lá até que, a partir de 2015, passaram a ser preservadas pelo Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP)<sup>15</sup>. O APESP abriga hoje um pouco mais de mil e quinhentas cartas de chamada de cunho oficial e pessoal, em diversas línguas, sendo a maior parte nas línguas italiana, portuguesa e espanhola.<sup>16</sup> Existem cento e onze documentos catalogados como cartas de chamada em língua portuguesa, ou seja, correspondências privadas e majoritariamente manuscritas de

<sup>15</sup> Todas as cartas que serão analisadas neste trabalho encontram-se digitalizadas e disponíveis para download no Acervo Digital do MI, cujo link consta devidamente nas referências.

<sup>16</sup> De acordo com o Inventário do Memorial do Imigrante (2015), produzido pelo APESP, existem 1.512 cartas de chamada em seu acervo, separadas em trinta caixas, com código de referência 3S3.

portugueses, organizadas no Quadro 1 através de quatro recortes para melhor caracterização e compreensão desses documentos.

**Quadro 1** – Recortes de análises por quantidade de cartas de chamada.

Recortes de análises	Quantidade de cartas
Masculinas	78
Femininas	18
Coletivas	9
Sem assinaturas	6
Total	111

Fonte: Confecção Própria.

No mais, considerou-se como carta masculina aquela que contém um nome masculino assinado, como carta feminina aquela que possui um nome feminino assinado e como carta coletiva aquela que tem mais de um nome assinado, independentemente do gênero de quem assina. Como já evidente, aqui, nosso foco são as cartas coletivas.

## Cartas de chamada coletivas: olhar atento às entrelinhas

Como vimos, as pesquisas no campo da História Social da Cultura Escrita, numa perspectiva interdisciplinar e dialógica de análise, devem se debruçar sobre objetos escritos de forma a interpretar e compreender seus aspectos estruturantes e gráficos, refletindo sua composição enquanto gênero textual funcional em contexto de imigração, chegando até seus fenômenos linguísticos, sociais e culturais, e suas tradições discursivas, sempre partindo de interpretações de seus discursos, práticas e representações.

Primeiramente, o fato de terem sido preservadas nos possibilita afirmar que essas cartas privadas, com assinaturas de nomes de mulheres e homens aqui retratadas como cartas coletivas, redigidas em língua portuguesa, tenham efetivamente funcionado socialmente como cartas de chamada – enviadas do Brasil para portugueses em Portugal e retidas no desembarque de quem veio de Portugal para cá – e, por isso, são assim classificadas e conhecidas como objetos de cultura escrita por historiadores e antropólogos. Todavia, podemos, ainda, subclassificá-las de modo mais específico, concentrando atenção no que revelam seus discursos, práticas e representações, em dois subgêneros de cartas de chamada privadas, de acordo com a proposta de Leite (2018, p. 367): as **cartas de vínculos** – correspondências rituais, informativas, de negócios, sentimentais ou literárias que serviram para comprovar laços familiares e/ou profissionais, podendo funcionar burocraticamente como cartas de chamada; e as **cartas de chamamentos** – correspondências que, ainda que tragam outros aspectos em seus conteúdos, centram-se em convidar alguém, direta ou indiretamente, a e/imigrar, fazendo-se menções a processos de deslocamentos. Portanto, para responder “o que”, ou seja, de qual objeto/gênero textual estamos tratando, consideraremos como cartas

de chamamento tanto as correspondências que fazem convites explícitos, como as que evidenciam instruções de viagem, expressões de expectativa pela chegada de alguém, envio de dinheiro para passagens e outras recomendações relacionadas à viagem em eminência. Por conseguinte, como o foco desta investigação pauta-se na função social do texto e não essencialmente em seus aspectos estruturais ou composicionais, para responder “por que” razão se fez uso da escrita de carta de chamada naquele contexto, resumiremos, de modo ilustrativo, seu conteúdo, destacando as motivações de escrita de seus escreventes.

Como ponto de partida, então, respondemos às questões metodológicas elencadas pelo paleografo Petrucci (2003) através do Quadro 2 e, na sequência, exploraremos de modo qualitativo outros pontos de análises.

A partir do quadro, não podemos deixar de notar que, dentre os nove documentos de cartas de chamada coletivas analisadas, apenas três trouxeram convites explícitos ou implícitos em seus discursos e, por essa razão, foram classificadas como cartas de chamamento. Dentre essas cartas de chamada subclassificadas como cartas de chamamento, merecem destaque as expressões preocupadas com as quantias de dinheiro e/ou bilhetes de passagens que estavam anexadas aos envelopes, bem como as palavras de incentivo à viagem, conforme exemplificamos a seguir:

1. me dizes se tem vontade de voltar para estas terras  
(Carta de Chamada de José Gomes Agostinho, 1912, Fólio 2, Código 115)
2. temos muito gosto em te la aqui  
(Carta de Chamada de Joaquina Marques, 1912, Fólio 5, Código 115)
3. Aqui juntamos um bilhete de passagem da 3º classe da Malha Real Ingleza, e mais uma letra de R30\$000 fontes fortes, para as suas despesas  
(Carta de Chamada de Antonio Rodrigues Gaspar e Laurinda Miranda, 1913, Fólio 2, Código 209)
4. veja bem não mefaça perder este dinheiro venha sem falta  
(Carta de Chamada de José Depontes, 1923, Fólio 1, Código 1226)

Nos outros seis documentos, nos quais não há menções a convites e/ou apologias à travessia, ou seja, nas missivas classificadas como cartas de vínculos, são comuns as notícias, sejam elas boas ou ruins, como o nascimento dos filhos/netos e morte de entes queridos e até mesmo de filhos. São recorrentes os usos de expressões de saudade, palavra tão peculiar da língua portuguesa, e de ansiedade por notícias e pelas próximas cartas, o que evidencia a expectativa e a própria representação desse objeto de cultura escrita, que era muito mais do que um papel, passando a simbolizar um veículo de transformação, manutenção de laços, mecanismo de resoluções de questões familiares, econômicas e pessoais.

Uma observação importante e pertinente, antes de seguirmos, é que o que se considerou como carta de chamada coletiva nesta presente análise diz respeito à estrutura de classificação do acervo virtual do próprio Museu da Imigração, que indica nove documentos digitalizados, cada um tendo dois remetentes. Contudo, conforme evidenciado no Quadro 2, nem todas as cartas são, efetivamente, coletivas no sentido estrutural, pois algumas são, na verdade,

**Quadro 2** – Inventariação ilustrativa das cartas de chamada coletivas em língua portuguesa a partir do acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

Cód.	O quê?	Quem?	Quando?	Onde?	Para quem?	Por quê?
48	Carta de vínculo	Ventura Alonso	9 de outubro de 1911	São José do Rio Pardo	Vovô	Dar notícias, retratar os preços do café, contar sobre um ladrão que entrou na casa da família, mas foi disperso pelo cachorro.
	Carta de vínculo	Victorino	9 de outubro de 1911	São José do Rio Pardo	Pai	Explicar que a carta do filho, no mesmo papel, mas anterior a dele, não foi corrigida por ele, seu neto. Dizer que apenas o ajudou a escrever ditando. Pedir conselhos sobre livros a comprar para o filho.
115	Carta de Chamamento	José Gomes Agostinho	24 de março de 1912	Fazenda Sertão	Mãe	Consolar a mãe pela perda do pai, mandar notícias e saber se ela tem interesse em vir ao Brasil.
	Carta de Chamamento	Joaquina Marques	10 de fevereiro de 1912	Cascalho, Cordeiro	Mãe	Reforçar a mãe sobre seus tratos com procurações e resoluções burocráticas devido à morte do pai, dar recomendações à mãe sobre como lidar com pendências e com a possibilidade de vir ao Brasil.
209	Carta de Chamamento	Antonio Rodrigues Gaspar e Laurinda Miranda	11 de maio de 1913	Piracicaba	Pai	Mandar instruções de viagem ao pai, além do bilhete de 3º classe da Malha Inglesa, uma quantia em dinheiro de 30 mil fontes e expressar a ansiedade dos dois irmãos, que são os remetentes, e de seus netos em ver o avô.
339	Carta de Vínculo	Manoel Jardim	24 de agosto de 1914	São Manoel do Paraizo	Mãe, irmãs e cunhados	Desejar saúde, mandar notícias e solicitar uma procuração para confecção de inventário.
	Carta de vínculo	José Jardim	15 de dezembro de 1914	São Manoel do Paraizo	Mãe	Mandar notícias e anunciar o nascimento de seu filho José Clemente.
	Carta de vínculo	José Jardim	22 de março de 1914	São Manoel do Paraizo	Cunhado	Enviar notícias e atestados das crianças, comunicando também que sua filha pequena havia falecido.

Quadro 2 – Cont.

Cód.	O quê?	Quem?	Quando?	Onde?	Para quem?	Por quê?
949	Carta de vínculo	Antonio Pellegrini	30 de março de 1922	Villa Raffard	Vovô	Dar notícias dos filhos e pedir notícias do avô.
	Carta de vínculo	Lydia Pellegrini	30 de março de 1922	Villa Raffard	Vovô	Mandar notícias da boa saúde e troca de afetos, pedindo também notícias do avô.
1203	Carta de vínculo	Gilberto e Aurelia	16 de agosto de 1924	Guarulhos	Sogra	Relatar a boa saúde e o susto com a Revolta Paulista de 1924, relatando que a cidade ficou estragada depois de 23 dias de batalhas e, por isso, os negócios estavam parados.
1226	Carta de Chamamento	José Depontes e Maria	10 de dezembro de 1923	São Paulo	Mãe/Sogra	Explicar a necessidade dela vir para o Brasil, para olhar seus netos, destacando que muito dinheiro já foi gasto com a passagem e com a documentação. Além disso, mandam notícias e se colocam à disposição para irem buscá-la em Santos.
1257	Carta de vínculo	Palmira Batalha	1º de agosto de 1923	Santos	Pai	Mandar notícias de suas terras, do bananal, de como andam os funcionários e anunciar o nascimento de seu neto, Nelçon.
	Carta de vínculo	Daniel Aguiar	2 de julho de 1923	Santos	Sogra	Acertar com o sogro os detalhes de uma construção imobiliária da família, que desejava que fosse um prédio e não três. Ele pede que o sogro não faça tolices e resolva as coisas da melhor forma.
1457	Carta de vínculo	Marcello	22 de setembro de 1926	São José do Rio Pardo	Mãe e Pai	Mandar notícias, explicitar saudades, relatar a expectativa da festa de Santa Terezinha e contar que chegou um novo pregador na igreja local.
	Carta de vínculo	José	21 de setembro de 1926	São José do Rio Pardo	Mãe e Pai	Relatar como andam os negócios da família, quem ainda os deve, como andam pessoas próximas, conta de um assalto à residência de um conhecido, manda notícias e espera por mais notícias.

Fonte: elaboração própria.

duas cartas unificadas, com estruturas interdependentes, que possivelmente compartilharam do mesmo envelope e/ou o mesmo papel, e, justamente por isso, por terem mais de uma assinatura indicando seus remetentes, foram consideradas coletivas. Logo, o fato de terem sido enviadas, recebidas e catalogadas juntas, nos permite fazer esse recorte denominado de cartas de chamada coletivas, que é justamente o que as difere das que são consideradas cartas femininas – assinadas apenas por um nome feminino – e cartas masculinas – assinadas apenas por um nome masculino. Esse fenômeno de unificação de cartas independentes ocorre em seis dos nove documentos, conforme mostrado e explicado na sequência.

Nessa perspectiva, a documentação de Código 48 possui dois fólios e um envelope, mas mostramos aqui apenas o último para objetivar. O que observamos, neste segundo fólio na imagem, é que há duas estruturas independentes, com mãos/letras diferentes para cada parte, sendo a primeira escrita e assinada por Ventura Alonso, um testemunho autógrafo, que, logo em seguida, escreve uma nota de complemento em nome de seu pai, configurando-se, nesse trecho, um testemunho apógrafo, ou seja, como se escrevesse em nome do pai, mas assinando como “seu neto” para o avô e, ao final do fólio, seu pai, Victorino, resolve escrever no mesmo papel uma carta – a partir de um novo vocativo “meu pae”, com sua própria letra e assinatura, ou seja, um testemunho autógrafo que difere do restante da carta do filho (Figura 1).

A(s) próxima(s) carta(s) apresentada(s), por sua vez, utiliza(m) grafias, papéis, assinaturas e até datas diferentes de escrita, configurando-se como testemunhos autógrafos, mas envelope único, ilustrado abaixo, que nos permite identificar, inclusive, o nome da destinatária: Luiza Marques. Envelopes são raros nos processos de catalogação desses documentos. Quando existem, nos trazem mais informações relevantes, como se nota na Figura 2.

Tanto a carta de José, quanto a de Joaquina possuem três fólios cada, somando, assim, seis no total anexadas ao mesmo envelope mencionado. Por serem documentos muito extensos, preferimos destacar, nas figuras 3 e 4, as partes finais deles para exemplificar.

De modo semelhante, nas Figuras 5 e 6, veremos os trechos finais entre corpo de texto e as assinaturas da(s) carta(s) interdependentes de dois irmãos que escreveram, também testemunhos autógrafos, visivelmente com mãos diferentes, cada um sua respectiva carta, tendo essas cartas, portanto, apenas passado para o status de coletiva por terem sido enviadas no mesmo envelope e, por isso, estão catalogadas juntas como documentação.

Na sequência, veremos duas cartas interdependentes que, visivelmente, possuem as mesmas mãos escreventes, em virtude da grafia apresentada, tipo de papel, estrutura interna da carta, com saudação de início, datas, por exemplo (Figuras 7 e 8). O que não fica evidente, por meio do discurso ou de algum aspecto especificamente composicional, é se um dos dois escreveu por ambos ou se a escrita foi delegada a um escritor terceiro, o que é muito provável como hipótese, uma vez que se tratam de duas cartas privadas com uma saudação mais inicial mais formal, evidenciando uma estrutura mais engessada de escrita, paragrafação bem estabelecida, configurando-se uma característica de uma produção menos íntima e mais planejada, o que nos permite afirmar que se tratam de testemunhos idiógrafos, ou seja, produzidos por terceiros, muito provavelmente sob a supervisão dos autores intelectuais.



Recomendações a todos os nossos parentes. Seria mais receba um abraço do seu neto que o estima,

Ventura Alonso.

Nota: Papae manda dizer-lhe; que o Albuquerque irá para fazenda em tres tempos. Pois o Sr. sabe que tem o ção que racode pelo nome de chagas, que cada vez o arruina mais. O café está dando a 12\$800. O Ranjo de Stoby vai ficar desolugado desde o dia 8 do corr, e vai ver se recebe um mez de aluguel vendido. Pois o homem diz querer descontar a despeza da limpeza da cisterna, que diz gastar 8\$000, o que se fará.

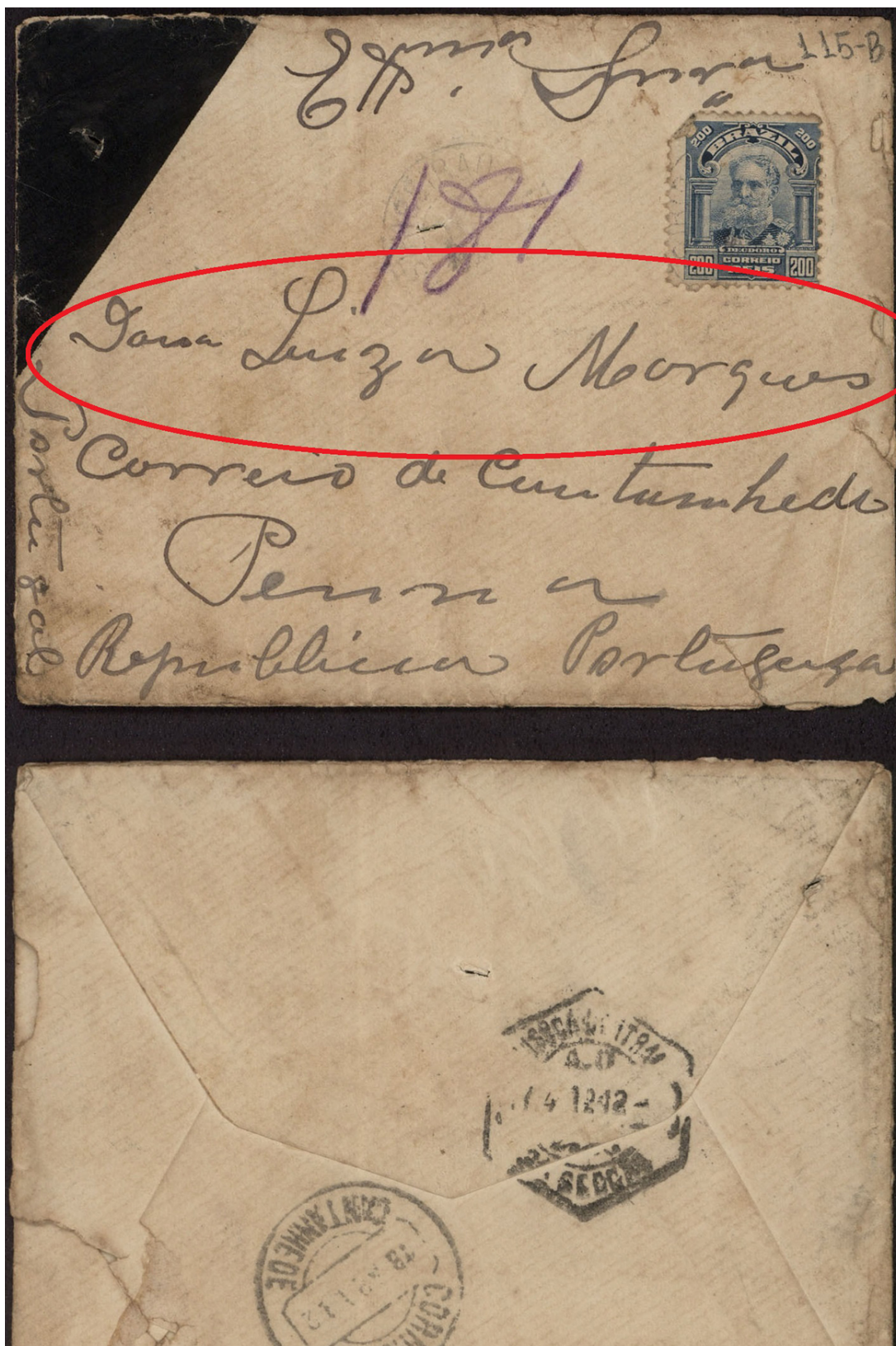
Seu neto.

Meu pai: Esta de Ventura não foi notada nem corregida por mim. Seis dias, apenas lhe dei o que diz: Nota. Se tiver occasião e achar desejar que compra-se uma Geographia Espanhola ali o Ventura e que me pode e ver se achava um a igual que me mostrou a mim que tinha seus mapas grandes provavelmente D. Evarista Saberi pode se obteram uma das melhores a mim. tinha me custado 28\$000 em Camposourcos se não achar das grandes dessas pegadas de escola p'criança não. P' notar desfriz, lhe abono, (isto é) se não se vir ou quando trate de voltar. Pode falar ali aos nossos por quando calhar falar por acato ao meu nome) que recebi um diploma da Academia Físico e Chimica de Italia (Palermo) por politico etc..... Espero sua resposta da minha de 11 de agosto daqui em até a sua. Recado a seu filho

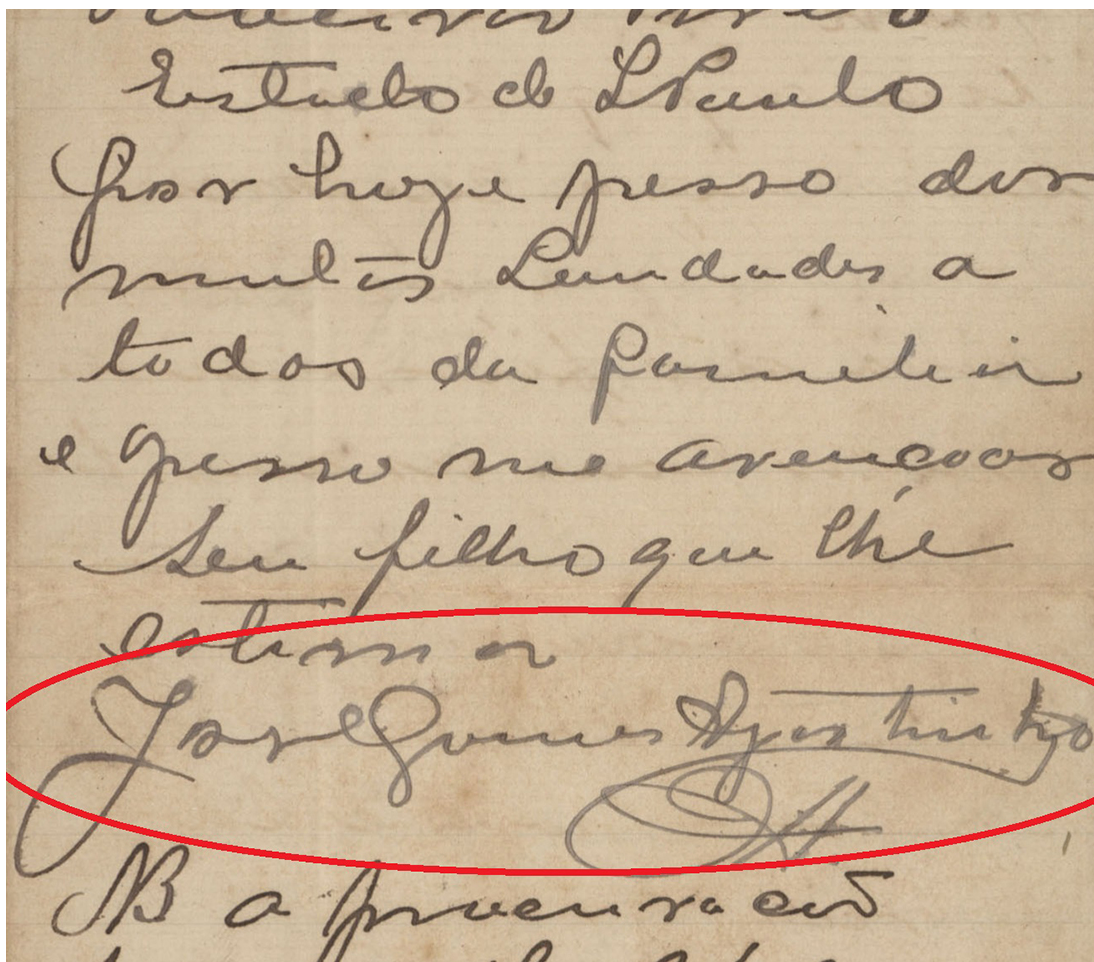
Victorino

Figura 1 – Carta(s) 48 de Ventura Alonso e Victorino.

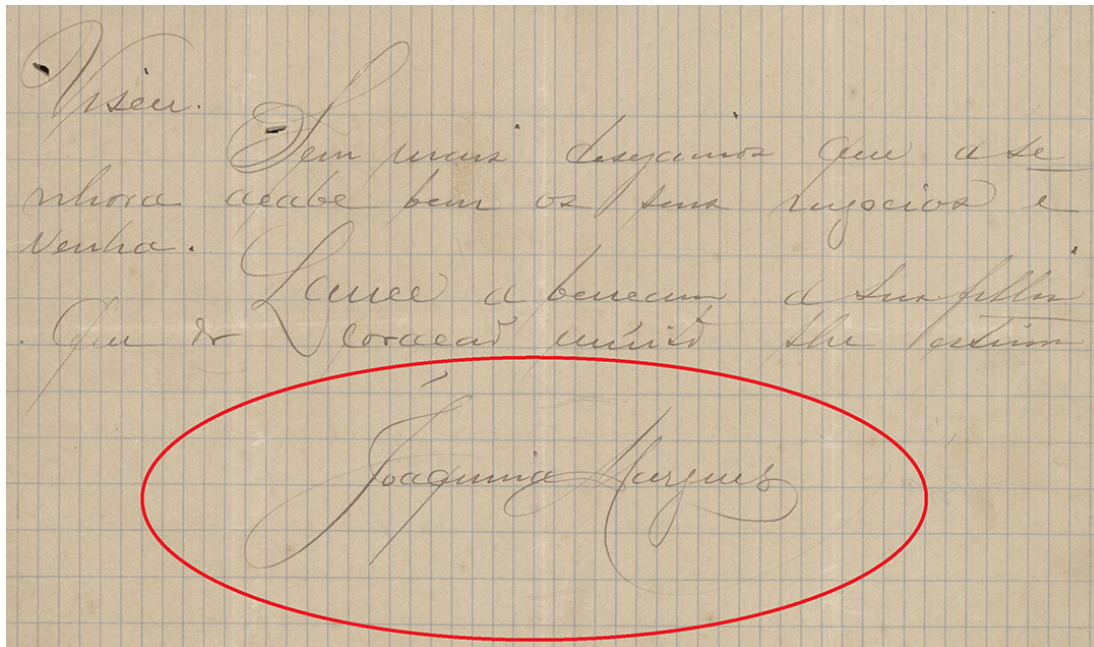
Fonte: APESP, Cartas de Chamada, Código 48.



**Figura 2** – Envelope Carta(s) 115 de José Gomes Agostinho e Joaquina Marques. Fonte: APESP, Cartas de Chamada, Código 115.



...  
Instrução de Paulo  
por hoje passo do  
muito saudades a  
todos da família  
e passo me a escrever  
seu filho que lhe  
estava a  
José Gomes Agostinho  
A  
Na presença de



Vossa. Sem mais desejamos que a se  
nhora acabe bem os seus negócios e  
venha. Luce a benção a seu filho  
que de Vozaceat muito lhe gostam  
Joaquina Marques

**Figuras 3 e 4** – Trechos finais das Carta(s) 115 de José Gomes Agostinho e Joaquina Marques.

**Fonte:** APESP, Cartas de Chamada, Código 115.

la Casa de  
Todos daqui e queira derramar suas  
bençãos nestes seus filhos que  
a procuração muito os estimam.  
poderia mandar Manoel Jardim  
registrado

isto não a enfado mais senão com  
immensas recordações d'este seu filho que  
a estima José Jardim

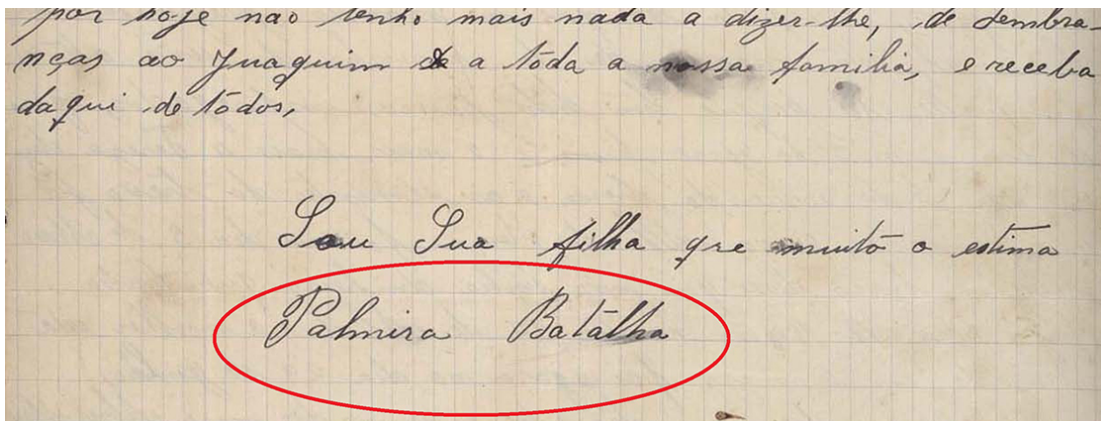
**Figuras 5 e 6** – Carta(s) 339 de Manoel Jardim e José Jardim.  
Fonte: APESP, Cartas de Chamada, Código 339.

de l'ver o vovô voltar logo com muita saúde.  
Sem mais mando muitos beizinhos e muitos  
abraços bem apertado do seu neto.  
Antonio Pellegrini

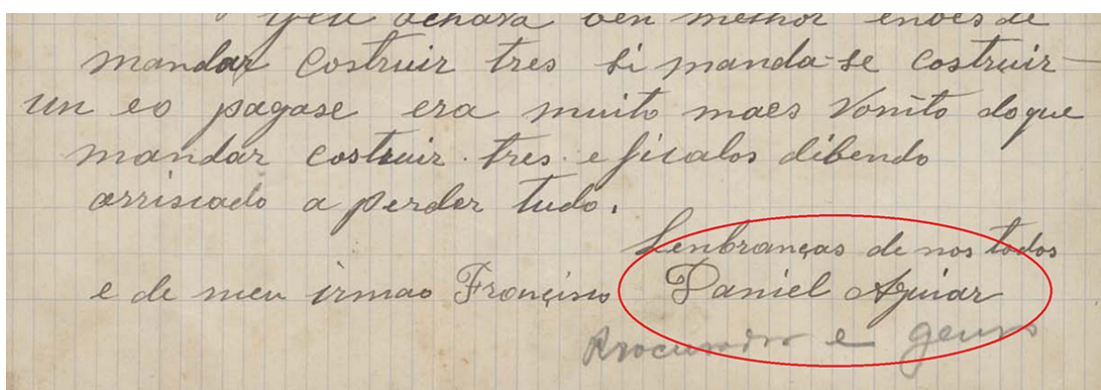
laur sempre fala do senhor e pergunta  
quando o senhor vem, Deite esta bem melhor e gor  
da.  
Sem mais mando muitos beijos, abraços e  
lembranças da neta que não esquece  
Lydia Pellegrini

**Figuras 7 e 8** – Carta(s) 949 de Antonio Pellegrini e Lydia Pellegrini.  
Fonte: APESP, Cartas de Chamada, Código 949.

Agora, nas Figuras 9 e 10, observemos os trechos finais da(s) carta(s) de Palmira e Daniel, que são casados, escrevendo textos interdependentes, com mãos/letras diferentes, para seu pai e seu sogro, respectivamente, configurando-se como dois testemunhos autógrafos.



por hoje não sento mais nada a dizer-lhe, de lembranças ao Joaquim e a toda a nossa família, e receba daqui de todos,  
Sou sua filha que muito o estima  
Palmira Batalha

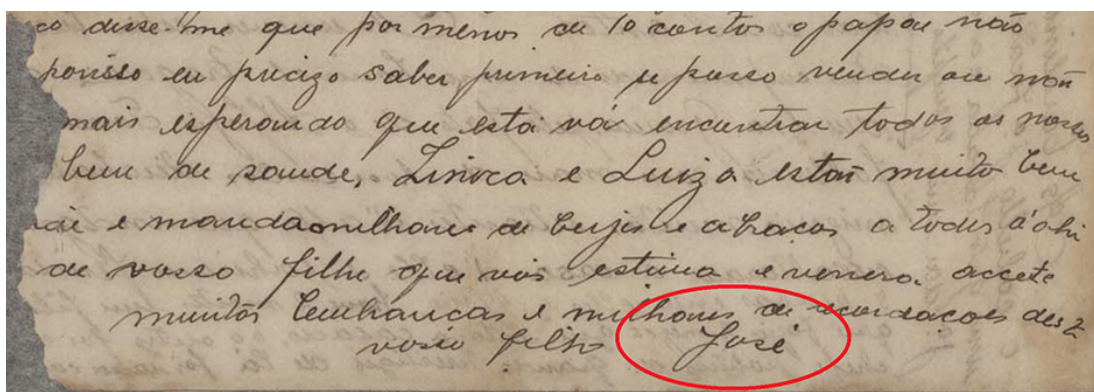
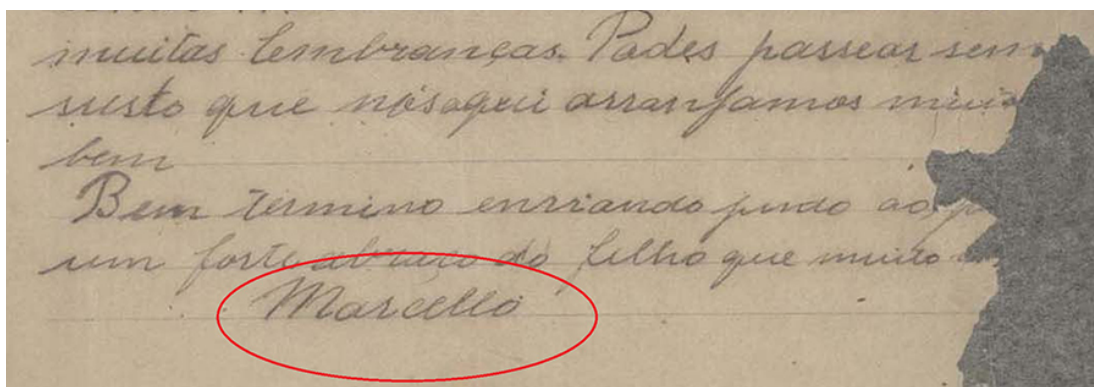


que eu achava o melhor modo de mandar construir tres si manda-se construir um eo pagase era muito mais bonito do que mandar construir tres e ficalos dibendo arriscado a perder tudo.  
Lembranças de nos todos  
Daniel Aguiar  
Procurador e genro

**Figuras 9 e 10** – Carta(s) 1257 de Palmira Batalha e Daniel Aguiar.  
Fonte: APESP, Cartas de Chamada, Código 1257.

Ademais, estrutura similar pode ser vista na(s) carta(s) seguintes de dois irmãos (Figuras 11 e 12), que são interdependentes, testemunhos também autógrafos, com grafias diferentes e até mesmo fenômenos linguísticos diferentes, conforme mostraremos mais adiante aqui.

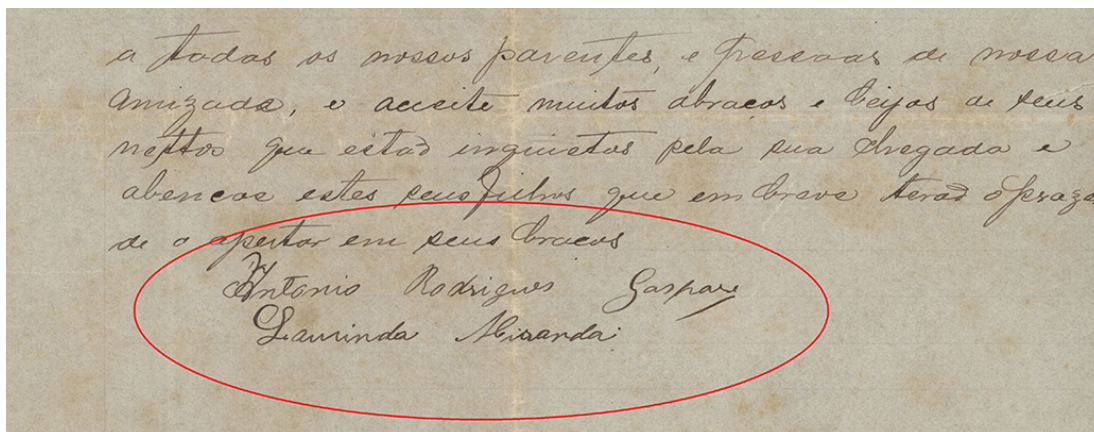
Nesse contexto, os fenômenos de delegação da escrita eram comuns, sobretudo por causa do elevado índice de analfabetos. Nessas cartas coletivas aqui analisadas, em contrapartida, não foram encontradas, em seus discursos, expressões de tradição discursiva que nos permitam afirmar que houve, efetivamente, para além de uma única hipótese interpretativa e muito possível, delegação da escrita explícita a terceiros. Para tanto, tentamos encontrar expressões que nos permitissem concluir isso, tais como “mandei lançar mão a pena...”, “com muito gosto mandei lançar mão a caneta...”, mostradas por Leite (2018, p. 368) sobre cartas de mulheres desse mesmo período e contexto, mas não encontramos indícios no recorte aqui apresentado. Todavia, em três das nove cartas coletivas aqui analisadas, nas quais há duas assinaturas para a mesma estrutura de carta, o que notamos são grafias semelhantes entre todo corpo de texto da carta e todas as suas respectivas assinaturas, o que nos permite afirmar que, muito possivelmente, a escrita foi delegada a um(a) dos dois que



**Figuras 11 e 12** – Carta(s) 1457 de Marcello e José  
Fonte: APESP, Cartas de Chamada, Código 1457.

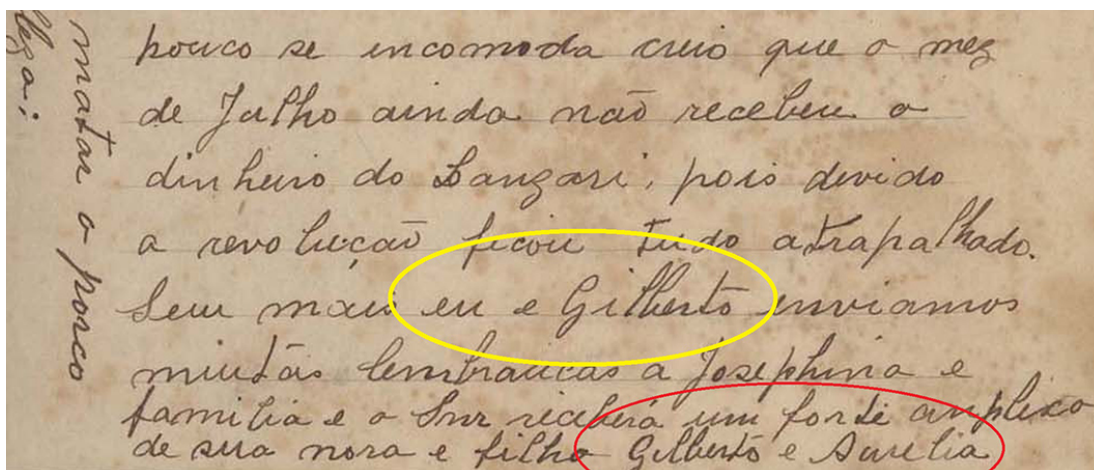
escreveu, uma vez que são textos nos quais não encontramos traços formais estruturantes que nos permitam afirmar que se tratam de cartas terceirizadas, mas, sim, também é uma hipótese plausível, conforme mostrado nas Figuras 13, 14 e 15.

Nesta última carta, inclusive, se menciona Maria na parte inicial do texto como participante do processo de confecção da carta, mas sua assinatura não aparece, muito provavelmente, porque talvez o marido tenha escrito pelo casal. Isso não fica evidente nas outras duas imagens apresentadas, se quem escreveu foi o marido ou a esposa, mas, na Carta 1203 de Gilberto e Aurelia, destacamos o uso de primeira pessoa para a mulher no texto e da terceira pessoa ao homem, o que é bem curioso, porque se tratava de um casal que enviava a carta numa sociedade excessivamente patriarcal. Identificar a escrita do casal delegada possivelmente à mulher da família é algo atípico no contexto de imigração familiar. Enfim, é evidente que não nos debruçamos aos aspectos tecnicamente paleográficos aqui, descrevendo e interpretando de modo mais profundo questões como cursividade, ângulo, *ductus*, isolando grafemas ou confeccionando um quadro *scriptográfico*, por exemplo, pois não é a essência metodológica da proposta do texto. Ao cruzarmos as perspectivas Paleográficas, Históricas e Linguísticas, respondemos questões e levantamos outras, o que pode (e deve) não só fomentar discussões, como também incentivar outros pesquisadores das áreas afins a se debruçarem sobre tal documentação.



a todas os meus parentes, e parentes de minha  
amizade, e aceite muitos abraços e beijos de seus  
netos que estão inquietos pela sua chegada e  
abençoar estes seus filhos que em breve terão o prazer  
de o apertar em seus braços  
Antonio Rodrigues Gaspar  
Laurinda Miranda

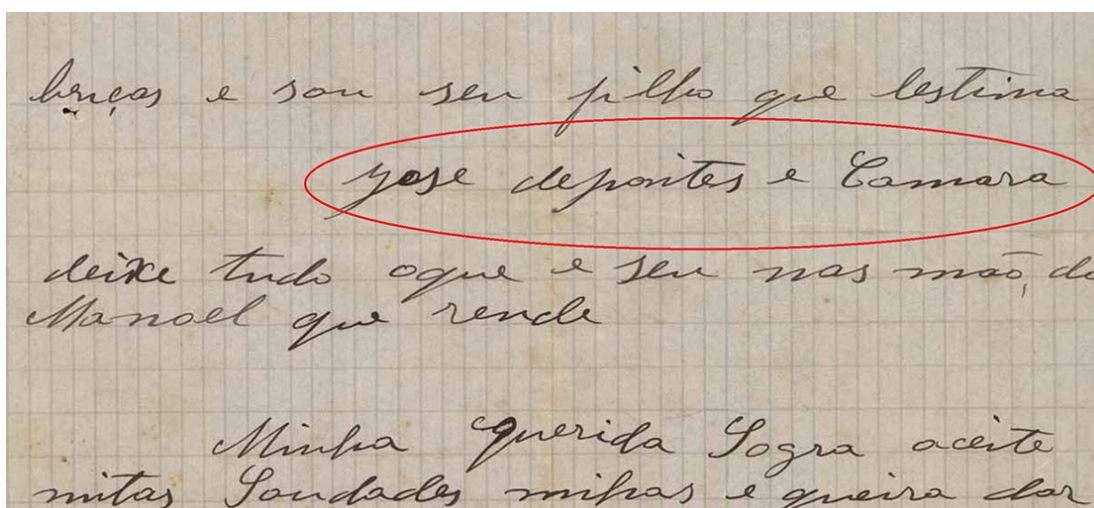
**Figura 13** – Carta 209 de Antonio Rodrigues Gaspar e Laurinda Miranda  
Fonte: APESP, Cartas de Chamada, Código 209.



pois se incomoda pois que o mês  
de Julho ainda não recebeu o  
dinheiro do Langari, pois devido  
a revolução ficou tudo atrapalhado.  
Sem mais eu e Gilberto enviamos  
minhas lembranças a Josephina e  
família e o Sr. receberá um forte abraço  
de sua mãe e filha Gilberto e Aurelia

Apai:  
matas o prazo

**Figura 14** – Carta 1203 de Gilberto e Aurelia  
Fonte: APESP, Cartas de Chamada, Código 1203.



abraços e sou seu filho que destina  
Jose Depontes e Camara  
deixe tudo o que é seu nas mãos do  
Manoel que rende  
Minha querida Zozra aceite  
muitas Saudades minhas e queira dar

**Figura 15** – Carta 1226 de Jose Depontes e Cama e Maria  
Fonte: APESP, Cartas de Chamada, Código 1226.

Outrossim, para além dessas questões, o que podemos observar, dentro desse recorte de cartas de chamada coletivas, é que se trata de um conjunto cronologicamente fragmentado, o que nos demanda atenção no desafio de conectar e interpretar através dos discursos o que seria uma temática individual e o que seria uma temática coletiva, aproximando-nos da cotidianidade das práticas da escrita. Nas pesquisas em História Social da Cultura Escrita (HSCE), embora tragam à tona muitos sujeitos históricos, nem sempre é possível traçar seus perfis de modo amplo, mas, mesmo assim, conhecer seus nomes, aspectos de suas vidas cotidianas e suas motivações sociais/familiares de escrita já abrem outros caminhos às ciências humanas e das linguagens. Em todas as cartas de vínculos, por exemplo, sem exceções, aparecem a palavra “saúde” ou “saude”, o que nos permite afirmar que, se há um tema em comum a todas as cartas, é a saúde coletiva. Ademais, é comum que as experiências e/ou acontecimentos relatados nessas cartas estejam no plano familiar, das finanças e propriedades da família, do envio de lembranças a amigos da família.

Em contrapartida, há uma carta, que, em seu discurso, traz as percepções e impressões individuais de um imigrante português sobre um evento coletivo bem interessante da história do Brasil: a Revolta Paulista de 1924, também conhecida como Revolução Esquecida, que se configurou como um levante militar organizado por jovens oficiais do Exército que integram o Tenentismo. Nesse evento, que durou vinte e três dias, algo preciosamente retratado na carta, rebeldes pretenderam derrubar o governo de Artur Bernardes, porque não estavam contentes com os rumos tomados pelos civis enquanto líderes da república brasileira na época. Os efeitos dessa revolta são assim descritos:

passamos por um grande susto, que foi devido a revolução em S. Paulo sendo vinte e trez dias de formidavel batalhas, felizmente as revoltozas se retirarão, ficando bastante estragada a cidade e está em estado de sitio até o mez de setembro.  
(Carta de Chamada de Gilberto e Aurelia, 1924, Fólio 2, Código 1203)

Esse exemplo nos faz refletir sobre a função comunicativa dessas cartas de além-mar, que vão muito além da funcionalidade de uma carta de chamada, reforçando que seus lugares sociais são muito mais amplos do que meros documentos de convites, evidenciando, além disso, que essas cartas de chamada, embora tivessem funções burocráticas estabelecidas, são fontes ordinárias de foro privado que nos permitem adentrar a diferentes e particulares visões da escrita e da história.

No âmbito da discussão, a consciência sobre o que as práticas de enviar e receber uma carta representavam pode ser definida por duas expressões através dessas cartas coletivas: personificação e sentimentalidade. A personificação pode ser explicada pelo modo como os escreventes utilizavam verbos e locuções verbais nas saudações desses documentos, por meio de estruturas textuais muito semelhantes e padronizadas, com algumas variações particulares, que representavam um encontro simbólico entre aquilo que estava escrito e aquela pessoa querida que lia sua carta do outro lado do oceano, como se a carta fosse uma extensão de sua persona que estava a ir abraçar alguém de modo saudoso e cheio de expectativa, conforme os exemplos abaixo:



Estimo que esta a va encontra mais aliviada da grande dor que sofreu...  
(Carta de Chamada de José Gomes Agostinho, 1912, Fólio 2, Código 115)

Que esta tenha a ventura de o ir encontrar...  
(Carta de Chamada de Antonio Rodrigues Gaspar e Laurinda Miranda, Fólio 1, 1913, Código 209)

Em primeiro lugar desejo que estas mal traçadas linhas as vá encontrar...  
(Carta de Chamada de José jardim, Fólio 1, 1914, Código 339)

Em primeiro lugar espero que estas poucas linhas a encontre...  
(Carta de Chamada de Lydia Pellegrini, 1922, Código 949)

As práticas de escrita de cartas geravam representações sobre a própria escrita de cartas, num processo metalinguístico, evidenciando que a leitura e a escrita, nesse contexto, eram atividades culturais e sociais que ocupam lugares simbólicos bastante significativos. As cartas retratam outras cartas, anteriores e/ou posteriores, o que nos auxilia na reconstrução dessa rede de escrita que se estabelecia em torno dos imigrantes portugueses no Brasil.

Segundo o cenário retratado pelo historiador brasileiro Boris Fausto (2000), os imigrantes portugueses que vieram ao Brasil entre os séculos XIX e XX eram majoritariamente do Norte de Portugal, cujas áreas eram de predominância da pequena propriedade e aqueles que vinham do Noroeste eram, sobretudo, homens sozinhos (solteiros e casados). Por sua vez, o fenômeno da emigração familiar era mais característico da região Nordeste. Já no Sul de Portugal, o interesse nas mobilidades transoceânicas ao Brasil tornou-se mais expressivo a partir das crises advindas com a Primeira Grande Guerra, ou seja, entre 1914 e 1918. Essas questões são importantes para que possamos discutir a ausência de fenômenos de betacismos nessas cartas coletivas, que consiste nas trocas sistemáticas e recorrentes de “b” pelo “v” e vice-versa, muito comuns às línguas românicas, dentre outras, e ao português tipicamente do Norte de Portugal.

Dentre as cartas coletivas analisadas, apenas uma, a Carta de Chamada de José, que foi junto com a de seu irmão Marcello, (Código 1457), apresentou marcas fonéticas de troca do b pelo v, fenômeno característico da Região Norte de Portugal, conforme ilustrado no quadro a seguir:

**Quadro 3** – Ocorrências de Betacismo em Carta de Chamada.

<b>Código Carta</b>	<b>‘V’ em lugar de ‘B’</b>	<b>‘B’ em lugar de ‘V’</b>
1457	Enbes de por em vez de	
	Vonito por bonito	
	Invora por embora	Debendo por devendo
	Savia por sabia	Ber por ver
	Envarcar por embarcar	

Fonte: Elaboração própria.

O curioso é que ele e seu irmão Marcello escreveram cartas interdependentes que foram enviadas no mesmo envelope e, mesmo evidenciando o grau de parentesco e proximidade entre eles, e, muito provavelmente mesmo lugar de origem, na carta de Marcello nenhuma ocorrência de betacismo foi encontrada. Em suma, a ausência expressiva de betacismo nessas cartas é extremamente relevante para reforçar que o legado familiar da imigração portuguesa ao Brasil é majoritariamente nordestino e não nortista. Nas cartas de chamada assinadas apenas por homens, por exemplo, os betacismos são mais recorrentes, de fato, caracterizando-se, assim, a face masculina e solteira da imigração do século XX, segundo Leite (2023, p. 102-130).

Enfim, quanto a outros aspectos linguísticos, essas cartas de chamada são repletas de marcas de oralidade, sobretudo pelas repetições recorrentes de vocativo ao longo dos textos que nos remetem a uma tentativa de escrita dialógica, bastante evocativa, embora, em todas, sem exceções, o nome do destinatário estivesse destacado como estruturante do gênero textual. Outras questões mais complexas e aprofundadas cabem às divulgações científicas mais específicas das ciências da linguagem. Então, o que tentamos demonstrar aqui, com essas amostras de análises, é justamente o quanto a contribuição interdisciplinar possibilita investigações amplas do código escrito por meio do aporte teórico-metodológico da História Social da Cultura Escrita.

## Considerações Finais

Podemos concluir, então, diante das discussões e análises feitas, que, a partir dos pressupostos teóricos metodológicos da História Social da Cultura Escrita, as questões “o quê”, “quem”, “onde”, “como”, “por quê” configuram-se como um ponto de partida de análises que nos possibilitam respostas objetivas e subjetivas por meio de interpretações de objetos escritos, especialmente os escritos ordinários de foro privado que, dentro de um recorte temporal e local, serviram também como parte de uma burocracia pública entre Portugal e Brasil entre os séculos XIX e XX.

Ademais, as nove cartas de chamada privadas coletivas, são, na verdade, além de coletivas por terem mais de uma assinatura, essencialmente familiares, remetidas por casais e/ou irmãos, configuradas das seguintes maneiras: três delas através de textos unificados com assinaturas de mão única; seis delas por meio textos separados com assinaturas, de seus respectivos escreventes e/ou de escreventes delegados, mas enviadas juntas e, por essa razão, catalogadas juntas também. Além disso, ao não apresentarem recorrência expressiva de betacismo, esses documentos nos permitem concluir que seus sujeitos escreventes e/ou remetentes não se tratavam de imigrantes portugueses oriundos do norte português. Em casos de envelopes ausentes, que são a maioria – apenas duas documentações tinham envelope presente ou legível, por isso só ilustramos um aqui –, essa perspectiva de análise é muito produtiva para inferir, interpretar que localizar determinados grupos por vieses linguísticos.

À medida que colocamos essas cartas de chamada em contexto de imigração portuguesa em evidência, através da interdisciplinaridade, abrimos possibilidades diversas de

contribuições para a ampla compreensão dos modos de difusão social da língua portuguesa no Brasil a partir de interpretações de fontes peculiares e cotidianas, colocando em diálogo aspectos consolidados da história com as micro histórias e as contribuições da Linguística. Ademais, é válido ressaltar que os diálogos entre historiadores da língua (especialmente do português brasileiro) e historiadores da cultura escrita não devem ser escassos, uma vez que “reconstruir a história linguística do Brasil passa, também, por reconstruir a história da penetração da língua escrita no país”, de acordo com Lobo (2012, p. 4) e, embora as análises linguísticas formais não tenham sido o grande foco deste texto, sem dúvidas, adentrar à rede de escrita de imigrantes e trazer à tona tantos aspectos pode incentivar pesquisas futuras, abrindo possibilidades para outros estudos nas áreas das ciências da linguagem e das ciências humanas.

Por fim, mesmo com todas as dificuldades que recaem sobre investigações de caráter documental e qualitativo, relacionadas à fragmentação e à irregularidade, ainda que por meio de um diminuto conjunto de nove cartas de chamada coletivas/familiares, pudemos nos aproximar das trajetórias individuais e coletivas de seus remetentes e destinatários, dando voz aos seus escritos e discutindo aspectos de seus discursos, práticas e representações, destacando a questão da imigração familiar e da configuração da escrita coletiva, bem como refletindo sobre seus aspectos linguísticos, culturais e históricos.

## Referências

- ALVES, Jorge Fernandes. *Os Brasileiros*. Porto: [s.n.], 1994.
- BAGANHA, Maria Ioannis. *Migração transatlântica: uma síntese histórica. Desenvolvimento econômico e mudança social*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009.
- BARROS, José D’Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. *Diálogos*, v. 9, n. 1, 2005, p. 125-141.
- BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. 2ª edição. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CARTAS de chamada. Acervo digital do Museu da Imigração (MI) do Estado de São Paulo. Caixa s.n. Cód. S3S. *Arquivo Público do Estado de São Paulo*. Disponível em: <https://acervodigital.museudaimigracao.org.br/index.php/>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. *Revista brasileira de história da educação*, v. 3, p. 96-124, 2003.
- CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SÁEZ, Carlos. Paleografía versus alfabetización. Reflexiones sobre historia social de la cultura escrita. *Revista de Historia de la Cultura Escrita*, v. 1, p. 133-168, 1994.
- CORTI, Paola. *Storia delle migrazioni internazionali*. Roma: Editori Laterza, 2007.
- CROCI, Frederico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. *Revista Locus*, v. 14, p. 13-39, 2008.

- CRUZ, Maria Antonieta. Agruras dos emigrantes portugueses no Brasil. *Revista de História*, n. 7, p. 7-134, 1987.
- FAUSTO, Boris. *Fazer a América: a emigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2000.
- FREITAS, Sonia Maria. *Presença Portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- LEITE, Ana Carolina da Silveira. Cartas de mulheres: história social da cultura escrita de e/imigrantes portuguesas no Brasil (1896-1929). *CEM, Cultura, Espaço & Memória*, v. 8, p. 357-372, 2018.
- LEITE, A. C. da S. *Entre cartas e chamamentos: a História Social da Cultura Escrita de imigrantes portugueses no Brasil entre 1896 e 1929*. 2023. (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37459/>. Acesso em: 04 set. 2023.
- LOBO, Tânia. *Hisculte: História da cultura escrita ao Brasil: um programa de investigação. Programa para a História da Língua Portuguesa*, 2012. Disponível em <http://www.prohpor.org/wwwprohpororghisculte>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Escritos e deslocamentos: cartas, correspondências e mensagens trocadas entre portugueses (São Paulo-Portugal, 1890-1950). In: ARRUDA, José Jobson de Andrade; FERLINI, Vera Lucia Amaral; MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUZA, Fernando (coord.). *De colonos a imigrantes: I(E)migração portuguesa para o Brasil*. São Paulo: Alameda, 2013b. p. 49-65.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Deslocamento e escritos: Cartas e correspondências de imigrantes portugueses (1890-1930). In: *Anais do XXI Encontro Estadual de História*, ANPUH-SP, Campinas, 2012, p. 1-10, 2012.
- PASCAL, Maria Aparecia Macedo. *Portugueses em São Paulo: a face feminina de Imigração*. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2005.
- PEREIRA, Miriam Halpern. *A Política portuguesa de emigração (1850-1930)*. Bauru: EDUSC; Portugal: Instituto Camões, 2002.
- PETRUCCI, Armando. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos Aires: FCE, 2003.
- ROCHA, Ilana Peliciari. *Imigração Internacional em São Paulo: retorno e reemigração, 1890-1920*. 2007. (Tese de Doutorado) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- RODRIGUES, Henrique Fernandes. *Emigração e Alfabetização: o Alto-Minho e a Miragem do Brasil*. Portugal: Governo Civil de Viana do Castelo, 1995.
- SIQUEIRA, Luciana Fernandes. *Edição semidiplomática de “cartas de chamada” de imigrantes portugueses (1911-1920)*. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-24082011-100130/pt-br.php/>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- TRUZZI, Oswaldo; MATOS, Maria Izilda Santos de. Saudades: sensibilidades no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil 1890-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 35, n. 70, p. 257-277, 2015.